

ATRAIR ATENÇÃO DOS ALUNOS:**CASO DE AMOR ENTRE LITERATURA E METODOLOGIA DE ENSINO****GETTING STUDENT'S ATTENTION: A CASE OF LOVE BETWEEN
LITERATURE AND TEACHING METHODOLOGY**

Marguit Carmem Goldmeyer – Instituto Superior de Educação Ivoti-RS – Doutora em Teologia pelas Faculdades EST São Leopoldo – RS –
E-mail: marguit.goldmeyer@institutoivoti.com.br –

Resumo

Encantar pela palavra e conquistar os sujeitos escreventes para se comprometerem com o registro das emoções, fatos, significando as palavras como elo entre as pessoas. Estimular estudantes de Letras a saborearem e descobrirem a inter(con)textualidade como uma aliada para as aulas de Literatura, investir no aprimoramento constante da escrita, atentar para uma metodologia de ensino que favoreça o protagonismo estudantil nas escolas e também dos acadêmicos, são alguns dos desafios que enfrentamos como docentes dos cursos de licenciatura, preocupados com a eficiência do processo de ensino e aprendizagem. Assim, apresentaremos reflexões sobre a metodologia adotada no Ensino Superior nos cursos de licenciaturas, especialmente nas disciplinas de Literatura e de Língua Portuguesa. Compartilharemos experiências de como podemos potencializar as aprendizagens dos estudantes, promovendo o fluxo da aprendizagem pelos ensaios dialógicos, incentivando a participação ativa e o protagonismo dos estudantes, através de aulas interativas e de uma abordagem de temas transversais. Objetiva-se compartilhar indagações, práticas e teorias sobre metodologias que condizem com o cenário contemporâneo, que fazem parte de um processo contínuo de construção e reelaboração. A ênfase encontra-se no registro, na escrita que promove, primeiramente, o engajamento dos estudantes do superior que, pela vivência, de diferentes formas de expressão escrita, descobrem novos significados para as palavras. E, a partir, das descobertas pessoais, sendo enlaçados pelas palavras, (re) aprendem a olhar para o planejamento das aulas e a sua execução como uma obra de arte que precisa ser tratada com amor e competência. A pesquisa baseia-se em observações de aulas no Ensino Superior de diferentes docentes em Cursos de Licenciaturas-Letras Língua Portuguesa e nos dados coletados com acadêmicos deste curso através da estratégia Grupo Focal. O compartilhamento da pesquisa provocará perguntas e será um convite para o trabalho diferenciado na educação básica e também no ensino superior.

Palavras-chave: Metodologia. Aulas interativas. Protagonismo.

Abstract

Some of the challenges we face as professors from teaching courses, worried with the efficiency of the learning and teaching process are: enchanting writing people by words and conquering them so that they may commit with emotion registers, facts, meaning the words like a link among people. Also, stimulating Language students to taste and discover the inter(con)textualization as an ally to the Literature classes, investing on the

constant improvement of writing skills, attempting to a teaching methodology which highlights student and academic's leadership at schools are. So, we will present some reflections about the methodology adopted in the Higher Education in the teaching courses, especially in the Literature and Portuguese subjects. We will share experiences on how we can empower students' learnings, by promoting their learning flow through dialogic essays, encouraging active participation and students' leadership, through interactive classes as well as approaching transversal themes. We aim at sharing questionings, practices and theories about methodologies that match the contemporary scenery which take part of a continuous construction and re-elaboration process. The emphasis is on the register, on the writing that promotes, primarily, the high education students' engagement who, through living experiences, of different ways of writing expressions, discover new meanings to the words. And, from their personal discoveries, they are tied by words, (re) learn how to look at class planning and its execution as a masterpiece which needs to be treated with love and competence. The research is based on classes observed in Higher Education of different teachers from Portuguese Language Teaching as well as on data collected with academics from such course through a Focal Group strategy. The research sharing will provoke questionings and will be an invitation to the differentiated work at basic education as well as at higher education.

Keywords: Methodology. Interactive classes. Leadership.

1 INTRODUÇÃO

Saber ensinar, independente do nível de ensino, pressupõe uma abertura do aprendente e do ensinante para que o outro se aproxime no seu ritmo, que olhe, sinta e se predisponha ao tecer de enlaces que levarão à vivência de vínculos. Perceber a educação assim, pode parecer um discurso ligado à educação infantil e não ao ensino superior para aqueles que não descobriram ainda como é bom ter um caso de amor com a área de conhecimento que inspira e que está interligada a outras áreas.

O ensino da literatura já passou e ainda passa por diferentes movimentos, trilha-se caminhos da leitura e discussão de romances clássicos a atividades e reflexões interdisciplinares. Entre práticas mais ousadas e atividades que remetem ao ensino tradicional, sujeitos aprendem conceitos, conhecem personagens, dialogam com eles e lançam-se a desbravar aspectos culturais e literários diversos.

E, nesse movimento de namorar-se primeiramente para poder atrair a atenção dos alunos, surgem questionamentos, descobertas e (in)certezas. Acredita-se que já passando a época em que as aulas de Literatura Brasileira eram consideradas chatas, porque tratavam de "coisas" (expressão usada pelos alunos) do passado, sem relação com o presente, sem uso de tecnologias e além de tudo, com um vocabulário complicadíssimo, como diriam os jovens "nada a ver".

O planejamento de uma aula bem pensada e envolvente que atraia a atenção de jovens, mediada por um professor engajado e apaixonado pelo seu fazer, transforma a utopia de uma aula boa em realidade. Mudam-se os cenários, outros a(u)tores entram em cena, mas a essência de uma aula boa, não está numa dimensão distante, não há mistérios para desvendar seu segredo: está na ênfase no humano. Ela é sinônima de momentos de diálogo, de participação ativa dos aprendentes, de produção de significados e da busca pela resolução de problemas do cotidiano e da sociedade.

Professor precisa mexer com as emoções dos alunos, o que desencadeará o processo da aprendizagem com mais eficácia e provocá-lo para que assuma seu processo de aprendizagem e torne-se autor da vida, inserindo no texto vitórias e conquistas sem medos.

A crença na mudança do perfil das aulas no ensino superior, nos cursos de licenciatura, baseia-se em um estado de caso realizado com de estudantes do Curso de Letras-Língua Portuguesa em uma instituição de Ensino Superior do Rio Grande do Sul. Em diálogo, docentes planejaram aulas com uso de metodologias ativas, em alguns momentos, com uso de tecnologias, organizaram atividades que promoveram trabalho colaborativo entre os estudantes, provocaram debates, analisaram estudos de caso, criaram materiais diferenciados que iam muito além do data-show, enfim, nas referidas aulas, de algumas disciplinas, estudantes participaram ativamente, solucionaram problemas e se engajaram na aprendizagem.

Depois de um ano, o grupo foi chamado para conversar sobre a experiência e de avaliar em conjunto sobre como as aulas, que favoreciam o protagonismo dos acadêmicos, influenciou na prática dos estágios e nas aulas dos que já estavam lecionando.

A teia da vida ensina-nos a perceber, a olhar e a valorizar as diferentes redes que existem e que podem ser criadas na e para a vida das pessoas. Nós fazemos parte do universo, pertencemos a ele e nele estamos em casa. Por isso é imprescindível que descubramos o sentido e, sobretudo, a responsabilidade de pertencer a ele. Como Freire e Shor (2006, p. 96) alerta, ensinar exige comprometimento adapta-se muito bem nesse contexto: “Não é possível exercer o magistério como se nada ocorresse com a gente”. Ser um exemplo para os alunos, exemplo não no sentido de perfeição, mas de alguém que está envolvido e preocupado com a realidade e que age de forma consciente e comprometida, é a busca da presente pesquisa.

2 ATRAIR ATENÇÃO VIVENCIANDO...

A reflexão acerca das estratégias metodológicas utilizadas em sala de aula é válida e necessária para todos os níveis de ensino: Como preparamos nossas aulas? Preparamos? Como usamos os recursos tecnológicos? Que estratégias metodológicas adotamos e por quê? Nos cursos de Licenciaturas, essa reflexão deve permear as diferentes áreas do conhecimento, promovendo um contínuo diálogo entre a teoria e a prática. As perguntas "Como o aluno aprende? Como podemos mediar a aprendizagem dos alunos para que ela realmente, ocorra, considerando o fato de que eles aprendem de formas bem distintas?", devem ecoar pelos espaços de aprendizagem e levar a muitos debates e pesquisas.

Cabe destacar a contribuição de Francisco Imbernón (2010, p. 9) “É preciso lembrar que o importante não são as diversas metodologias ou técnicas de ensino como um fim em si mesmo, mas a preocupação do professor ou da professora com a aprendizagem dos alunos, e como esta se origina em todo o processo de ensino”.

Trabalhar de jeito diferente exige coragem de mudar, de inovar e de arriscar um pouco, porque pela participação e questionamentos dos estudantes, a aula pode mudar um pouco de direção, o que não implica na perda do foco da aula. Os alunos passam a ser os protagonistas e o professor terá a honra de mediar debates em torno de temas transversais com abertura para argumentações e questionamentos.

A escolha de estratégias não pode ser um mero desejo de fazer algo diferente e muito menos, o simples uso de dinâmicas ou técnicas que não contemplem o conteúdo que precisa ser estudado. Uma aula expositiva pode ser muito significativa se ela instigar a curiosidade a refletir, se promover o exercício do olhar especulativo, a formulação de hipóteses, se houver interação, se agregar significados, se fomentar o intercâmbio de ideias e levar à resolução de problemas.

Participar da aula não significa responder uma ou outra pergunta de forma automática e repetindo somente as palavras do professor: significa ouvir a pergunta do colega, contribuir acrescentando ou questionando algo, relacionar com outro tema, trazer exemplos do cotidiano, para assim ir tecendo uma rede de saberes. As perguntas nascem no terreno da curiosidade e da necessidade. Freire (2003, p. 65) já afirmava “Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino”.

Aula bem planejada não vem engessada, os conteúdos podem ser vistos e trabalhados de diferentes perspectivas, por isso mudanças de rota não afetam a preservação dos conteúdos. A questão fundamental gira em torno da constante retomada da pergunta: Como posso facilitar a aprendizagem do aluno?

Cada vez que o professor promover a interação do grupo e a construção coletiva de conhecimentos, onde os sujeitos são ensinados a ouvir os colegas, dialogando, questionando, pensando sobre a contribuição do outro, concordando ou discordando, argumentando, estaremos contribuindo para a formação de um profissional mais humano que, provavelmente, no futuro quando estiver atuando, será capaz de se colocar no lugar do outro para propor projetos, trabalhos coletivos e consequentes transformações na sociedade. O registro é um recurso facilitador da construção coletiva de ideias e cria uma unidade na diversidade do grupo. O extrato do registro de uma estudante, no texto coletivo, produzido pelo grupo menciona o aspecto da aprendizagem

*“Se me perguntarem o que é que aprendi nessa aula.
Muito. De fato aprendi muito
Como, por que e quando história e literatura tanto combinam
Aprendi que a tudo na minha pátria é história, é luta, é vida
E que a literatura explora a subjetividade e a criatividade,
Mostrando que tem muitas coisas por trás do óbvio.
Debaixo da noite nublada para casa seguimos
Uma história pra contar
De um mundo não tão distante.
Debaixo da noite nublada, nossos pensamentos
Um interesse uma vontade
De ficar mais um instante.”*

Aprender sempre! Aprender a aprender, eis o desafio colocado, no momento, para alunos, estudantes, docentes e comunidade escolar! As palavras nos ensinam que mudar não é tão difícil quando caminhamos com os outros, confabulando, tecendo redes de saberes amparados nas teias de relações! A metodologia focada na participação ativa dos estudantes, incentivando a autonomia e a criatividade, levará às transformações na sociedade. Pelo protagonismo, crianças, jovens e adultos descobrirão que a vida só vale a pena ser vivida se for com amor, se esse for o sentido da vida!

3 TRANSPIRAR PARA CONQUISTAR: TECENDO REDES DE SABERES COLETIVAMENTE

Pertencemos ao mundo e, nele, fazemos parte de um constante processo de cognição. Conforme Capra (2002, p.52), a cognição não é a representação de um mundo que existe independentemente por si, mas antes a contínua produção de um mundo através do viver. Desafiado pela vida ou pelas diferentes situações que se apresentam, o sistema vivo sofre mudanças constantemente, ele interage, está em movimento, precisa reagir e se adaptar às mudanças ou criar novos meios de sobrevivência. Assim, a vida e a cognição tornam-se inseparáveis. O conhecimento surge das mutações e das reflexões a partir delas. Há, assim, uma identificação entre o processo de conhecer e o de viver; eles são inseparáveis. A cognição envolve todo o processo da vida e ensina a pessoa a conviver e a aprender com as pedras do caminho, que podem ser trazidas pelas mudanças ou ser removidas ou reutilizadas por elas.

No cenário educacional, são muitos os atores que estão em cena. Muitas redes estão sendo, constantemente, tecidas: redes entre os alunos da mesma turma, entre alunos de turmas diferentes, entre professores e alunos, entre direção e professores, equipe pedagógica e alunos etc. Redes que não ficam isoladas em algum lugar; elas se encontram, adaptam-se, reorganizam-se, rompem e se reconstróem, enfim, várias redes interligam-se e se sobrepõem em muitos pontos. E os acadêmicos que, durante a sua formação, tiverem a oportunidade de experimentar a vivência em rede e de conhecer os desafios de ter que tecer coletivamente ideias distintas com pessoas que representam outras linhas de pensamento, descobrirão que é nestas tessituras que consiste a beleza de ensinar, de pesquisar e de viver a educação: a diversidade dá vida à convivência humana. Trabalhar em equipe encaminha os sujeitos para a autodescoberta e a construção coletiva da ação pedagógica.

Vive-se o processo de formação, ou seja, ela acontece em diferentes circunstâncias, planejadas ou não, alegres ou sofridas, mas ocorre. A rede em que uma pessoa se encontra imersa articula-se com várias outras redes de várias outras pessoas e grupos. Nesse entrelaçar de redes, de pessoas que aprendem na convivência, tem-se uma contribuição múltipla para a formação das pessoas. Como diz Ferreira (2004, 97), “cada pessoa encontra-se imersa em redes de significações”. Ela está inserida numa realidade, está ligada a outras pessoas, é influenciada, mas também tem a possibilidade de fazer suas interpretações e, principalmente, de transformar seus caminhos. Para isso precisa pegar os fios da vida em suas mãos, decidindo sobre o destino dos fios.

Se a pessoa tomar consciência da sua importância dentro de uma pequena rede, se souber que os fios que estão na sua mão são significativos para a grande teia organizacional e, principalmente, se reconhecer que ela pode e deve tecer os fios que estão em suas mãos, então ela estará dando importantes passos no caminho da sua libertação e contribuindo para a construção de uma organização mais justa e mais humana.

Mãos unidas abrem portas e tecem teias reflexivas que podem deter o vento ou, pelo menos, alterar a direção do seu sopro. Só que também as mãos dependem da conscientização das pessoas. Pessoas conscientizadas têm mais facilidade em reconhecer as mãos que oferecem ajuda e que querem ajudar a encontrar a luz.

4 INSPIRAR-SE PARA MUDAR

Se temos grandes oportunidades de conhecer e de aprender com as mudanças, por que, em muitos momentos ou situações, elas são tão temidas? O sabor do conhecimento é amargo quando procede de mutações? Ou seriam alguns tipos de mudanças que causam sabores indesejados?

As mudanças são lentas e para acontecerem deve ocorrer um processo interno de conscientização da necessidade da mudança por parte de cada educador. Acadêmicos devem ser instigados a refletir sobre sua prática e com o tempo compreenderão que o processo de ação, reflexão e ação devem fazer parte do cotidiano. Alarcão (2004, p. 46) alerta que “Os formadores de professores têm uma grande responsabilidade na ajuda ao desenvolvimento desta capacidade de pensar autônoma e sistematicamente.” É um movimento constante de promoção de diálogo interno e com outros, de análise sobre o que e como a prática em sala de aula foi realizada, o que foi ensinado, apreendido e o que se aprendeu com tudo isso. Este processo de reflexão pode ser percebido no relato de uma estudante :

“Muitas vezes parei a aula para ouvi-los. Deixei que falassem sobre suas dificuldades na escrita, na fala ou na audição. No início, foi preciso estimulá-los para que soubessem localizar suas dificuldades e que falassem sobre elas. Ao mesmo tempo, fazia-se o exercício de enaltecer o que já sabiam e haviam apreendido, para que o caminho da conquista fosse mais valorizado do que o ainda não dominado. Olhamos, em conjunto, atentamente para as redações escritas, corrigimos em conjunto, e nestes momentos, ficou com eles a incumbência de explicar para os colegas aquilo que ainda não estava compreendido e em que consistia o erro.”

Percebe-se a emoção nas palavras da acadêmica que, conforme suas palavras sentia-se enlaçada pelo querer aprender do aluno. Conforme Maturana (2005, p. 15),

ao nos declararmos seres racionais vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre emoção e razão, que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento racional.

Mais adiante outra acadêmica, que já atua em sala com o ensino de Literatura, compartilha

“Tentava fazer a leitura do que se passava nas cabeças dos alunos quando faziam uma determinada pergunta ou quando ficavam aparentemente apáticos ou até daquela ruguinha na testa, que sinalizava uma dúvida ou contestação. mas o que também seria uma leitura necessária. Lembrei de muitas dinâmicas e jogos que tornariam a aula mais agradável e prazerosa. Mas o que realmente faria os alunos pensar, naquele momento? Pensar de verdade.”

As palavras de Mizukami (2002, p.49) agregam ao exposto “A reflexão oferece a esses professores oportunidades de se tornarem conscientes de suas crenças e das hipóteses subjacentes a suas práticas, possibilitando, assim, o exame de validade de tais

práticas na obtenção das metas estabelecidas”. Os acadêmicos, no momento do registro, na conversa em roda expuseram suas reflexões em forma de poema. Para uma das acadêmicas, aulas de literatura participativa marcaram, o que é perceptível nas suas palavras.

Na primeira sexta-feira que conheci a Literatura Brasileira pensei, meu Deus, que doideira, esses escritores todos. Não fiquei nada faceira, pois não gostava da literatura, mas aí me veio uma pessoa especial e me incentivou, “Não se preocupe, você vai aprender a gostar e vai dar conta de tudo que eu trabalhar.” Não acreditei muito, mas como sou persistente resolvi continuar.

Então, mais uma sexta- feira, que canseira,
Mas hoje é um dia diferente, aquela professora dinâmica e envolvente, não está com a gente, de repente chego e vejo olhares atentos e ansiosos,
O resultado de muita leitura agora sendo testado.
Então mostram-se as formas do amor, formas vagas e dissimuladas, ensinando a própria amada a forma de deixar com dúvidas o amar, Dom Casmurro, apelido que outrora no seminário lhe foi intitulado,
Prova em seu próprio agir o quanto era adequado.
Até defunto contando sua história, detalhando tudo que lhe vinha na memória, Sr. Brás Cubas, um amante nato, esperou demais, aceitou assim ser apenas mais um na vida da bela que enlaçou o rapaz. Sorrindo aos céus da literatura que vão se abrindo, a mundos que vão se multiplicando,
Um mundo mais brasileiro para mim vai se desvendando. Me apaixonei pela tal literatura. Ou seria pelo jeito de ensinar?

O depoimento poético mostra o papel da professora que, encenando, aproximou os estudantes do mundo de Machado de Assis. Para Freire (2003, p.79) a mudança não significa algo simples, “mudar é difícil, mas é possível”. A mudança exige o encontro com estruturas bem enraizadas, que têm histórias, e há pessoas que se consideram donas dos cenários e por isso também acham que podem dar às vidas o destino que quiserem. Ensinar exige abrir os olhos das pessoas para sua realidade, fazendo-as entender que elas estão sendo e que estão escrevendo sua história. A história a ser escrita exige dos sujeitos uma postura de questionamento, de olhares de diferentes perspectivas, da leitura dos fatos e, diante deles, uma postura de indignação, se necessário, e não de adaptação. Adaptar-se seria escrever algumas breves palavras com lápis, que em pouco tempo sumirão. Como Freire coloca, temos que aprender a provocar posturas mais revolucionárias, não apenas rebeldes, para que se lute pela transformação do mundo.

A educação é movimento, é comunicação. A proposta das redes, como já apresentado anteriormente, vale para toda a teia da vida. Assim, se as pequenas redes de transformações acontecerem em qualquer canto onde as pessoas se conscientizarem de

que é tarefa de todos mudar a realidade cruel de tantas pessoas, ajudarem-nas a recuperar seu espaço e sua dignidade, então estamos nos tornando autores revolucionários de vidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Provocar mudanças, independentemente dos cenários, sempre exige muita determinação e convicção de quem age. Precisam ser bem estudadas, preparadas e organizadas para que não aconteça simplesmente por acontecer, por que alguém quis, como relatou o Ipê. Rompimentos ou rupturas deixam marcas, que podem provocar dores, por isso são temidas. Todavia, é necessário ver o outro lado da mudança: a alegria da transformação. A valorização de cada passo dado na direção das transformações maiores.

Se agirmos assim inspirados, conspirados, unidos aos colegas e à comunidade escolar pela causa da educação, mesmo transpirando, se estivermos convencidos de que educação faz a diferença na vida das pessoas; se investirmos em nós e buscarmos continuamente nosso aprimoramento; se refletirmos e conseqüentemente, melhorarmos continuamente um pouquinho, o nosso jeito de ensinar, atentos à aprendizagem dos alunos; se acreditarmos na força do amor que dá sentido à ação pedagógica podemos ficar tranquilos que estaremos preparando acadêmicos docentes que farão a diferença na sala de aula no futuro. Olharão para cada aluno e descobrirão formas de conquistá-los para o trabalho focado na pro-atividade, na resolução de problemas pela interação, utilizando recursos tecnológicos para a humanização das relações.

Tempo dedicado à reflexão e à troca de ideias representará sempre uma teia de compartilhamento e de aprendizagem entre os colegas professores, acadêmicos e alunos, ecoando a força do diálogo pedagógico para a sala de aula e para os corredores da escola reflexiva.

A comunicação envolve uma rede de reflexões, de interpretações, cuja consciência reflexiva leva à criação de significados, que, por sua vez, também não são soltos, mas estão todos interligados. Cada comunicação cria pensamentos e um significado que dão origem a outras comunicações, e assim a rede inteira se regenera.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2005. Tradução Marcelo Brandão Cipolla

FERREIRA, Maria C. Rossetti et al. **Rede de significações**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____.; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti et al. **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação**. São Carlos: EDUEFCAR, 2002.